
Memórias de Humberto Delgado. (Coordenação de Iva Delgado e António de Figueiredo. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1991, 616 pp.)

1. A bibliografia existente sobre o chamado "General sem Medo" é de qualidade muito desigual e de muito duvidosas intenções científicas.

Na verdade, se até ao 25 de Abril, a maior parte dos títulos não passava de verdadeiros panfletos políticos cuja finalidade era unicamente denegrir quer política, quer pessoalmente, o primeiro general no activo que ousou desafiar publicamente Salazar, a partir da Revolução de 74, para surpresa geral (ou talvez não), a atenção sobre o "caso Delgado" foi focalizada quase exclusivamente no episódio dramático do seu assassinato por agentes da PIDE e nos escassos meses que o antecederam, na sua passagem por Argel.

Se o interesse pelos agitadíssimos últimos meses de vida (traduzido aliás numa significativa quantidade de títulos então dados à estampa) mostra a necessidade por parte de grupos e personalidades políticas directamente envolvidos com Delgado, de esclarecer situações e apurar responsabilidades, o interesse pela morte ultrapassa largamente esses objectivos e mobiliza a própria consciência nacional.

Assim se cumpriam três objectivos essenciais em período pós revolucionário:

— O exercício inalienável da liberdade de imprensa, depois da humilhante censura (ou exame prévio) a que o Estado Novo obrigou todos os agentes de informação.

— O inadiável julgamento público a que a ditadura e o seu representante máximo, Salazar, tinham que se submeter, como responsáveis últimos por um dos mais odiosos e cobardes assassinatos políticos da

nossa história, paradigma de tantos outros crimes que ficaram impunes.

— Finalmente a consagração definitiva de Humberto Delgado como herói, referência primeira da luta pela liberdade e pela democracia, cuja morte aparece como derradeiro gesto de sacrifício a uma causa e a um ideal.

De entre a galeria de heróis que Abril vem consagrar, a figura do General é uma das mais ricas em termos de capital simbólico e afectivo, em parte pela forma como viveu, mas sobretudo, pela forma como morreu.

O exemplo da sua coragem e da sua lealdade aos ideais democráticos foi, sem dúvida, tema de inspiração para a prática e para o discurso políticos saídos da Revolução.

Nestas condições não admira que fossem sobretudo os políticos, numa primeira fase, os principais responsáveis pelo esforço de esclarecimento de um caso que o poder jurídico-político de Salazar tinha "arquivado", mas que a nova legalidade democrática exigia que fosse reaberto, para sua credibilidade e dignidade de todo um povo.

Infelizmente, como escreveu muito recentemente António Brotas, "*A complacência, mesmo a cumplicidade, que envolveram o julgamento e as sentenças dos seus assassinos constituirá sempre uma mancha negra no Portugal democrático saído da Revolução de Abril, de que, afinal Delgado foi um dos pioneiros.*" (*O Referencial* — Boletim da Associação 25 de Abril, nº30, Jan-Março 93-ano 9)

2. Muitas dúvidas, pois, subsistem sobre as exactas circunstâncias e os verdadeiros autores da cilada de Badajoz.

Sem menosprezar de forma alguma todos os esforços que se continuam a desenvolver no sentido de devolver à história toda a verdade, já que, como escreve Iva Delgado, "*Os crimes de motivação política não são apenas do foro judicial ou da polémica*

contemporânea, mas do juízo da história" ('Introdução', p.12), ousou, no entanto, em nome dessa mesma história, chamar aqui a atenção para a vida e acção políticas daquele que "já deu o nome a mais ruas, praças, avenidas de cidades e vilas do que qualquer outro portugueses" ('Introdução', p.12).

Nesse sentido passou a comunidade científica em geral a dispor de um imprescindível auxiliar de trabalho: MEMÓRIAS DE HUMBERTO DELGADO. Não poderia a memória de Humberto Delgado ter encontrado mais dedicados e competentes cultores do que a própria filha, Iva Delgado, natural depositária de tantas e tão variadas memórias, e António de Figueiredo, seu fiel amigo e colaborador e seu delegado em Londres (também autor da 5ª parte da obra, intitulada **Testemunho — Luta e morte no exílio**).

A obra divide-se, pois, em três corpos :

- **Memórias de Humberto Delgado** (1ª a 4ª partes)
- **Luta e morte no exílio** (5ª parte)
- **Anexo Documental** (6ª parte)

Apesar da intenção dos autores "de manter o carácter autobiográfico do conjunto da obra" (p.11), é praticamente impossível encará-la de facto como uma perfeita unidade, por razões que nada têm a ver, aliás, com a inegável competência e as qualidades de escritor do autor da parte inédita do livro, António de Figueiredo.

A principal razão prende-se com o facto de *As Memórias*, escritas pelo punho do próprio General, não serem já inéditas, por terem sido publicadas primeiro em Londres, em 1964, e depois em Portugal, em 1974, numa tradução de Ricardo Madeira Romão, para as edições Delfos.

Assim, as primeiras 204 páginas do livro são, com algumas alterações (felizmente muito mais de forma do que de conteúdo e mesmo assim discutíveis...) precisamente as memórias escritas no exílio.

Outras razões (menores) haverá a dificultar a unidade da obra:

Em primeiro lugar o facto de serem dois autores distintos (Delgado e Figueiredo) que, apesar de protagonistas dos mesmos acontecimentos, mantêm irreduzíveis traços individuais de personalidade e, obviamente, de estilo. Depois porque, devido às difíceis circunstâncias em que Humberto Delgado escreveu, não pôde dispor de apoio documental, enquanto António de Figueiredo se apoiou abundantemente para o seu teste-

munho na valiosa correspondência que ao longo dos anos trocou com Humberto Delgado.

Aspectos secundários, e apenas de natureza formal — sublinho — uma vez que, do ponto de vista de conteúdo, a ligação é perfeita e a 5ª parte, contemplando os últimos e decisivos anos da vida do General, é um contributo precioso que não só ajuda a esclarecer esse período concreto e suas vicissitudes, como ajuda também a lançar luz sobre o período anterior.

As circunstâncias que acompanham a primeira edição das *Memórias*, já relatadas obviamente por António de Figueiredo, são um exemplo feliz do que afirmei. Na verdade, tal facto deu origem a algumas das cartas mais polémicas entre Delgado e Figueiredo. É que a recepção londrina às *Memórias* do General foi tudo menos entusiástica (o que não impediu, contudo, que Salazar, providentemente... mandasse adquirir a edição na totalidade), e Figueiredo não deixa de estar de acordo com algumas das críticas então surgidas na imprensa.

É obvio que mantém total solidariedade política com Delgado, chegando a interpor processo judicial contra o jornal *Sunday Telegraph* que traçara, também com claras intenções políticas, um retrato extremamente negativo do General, acusando-o, por exemplo, de "ser pessoa sem princípios, de cobardia, de ligações comunistas", etc.

Só que aspectos houve no livro, quer de natureza formal, quer de conteúdo, quer ainda relativos à discutível oportunidade do seu aparecimento, que desagradaram a Figueiredo, fazendo com que nas suas palavras, insensivelmente, e apesar da preocupação em não ofender ou agredir, o elogio se confunda por vezes com a crítica. sugerindo o comentário irónico do próprio autor: "De qualquer forma a sua crítica não ajudará a vender um livro..." (*Memórias*, p. 347)

Descontados os excessos por parte dos sectores mais retrógrados da sociedade inglesa de que o *Sunday Telegraph* era um claro expoente, e a que não seriam alheias certas movimentações "diplomáticas" de Salazar, as razões mais sérias desta fria recepção do livro, para além de deficiências de tradução, residem sobretudo nas opiniões nele expressas pelo autor sobre o problema colonial.

Datando de 1960, encontravam-se, naturalmente, em 1964, totalmente desactualizadas. De facto, o documento emanado do

Movimento Nacional Independente naquele ano, intitulado 'Plano Colonial da Oposição', que preconizava, entre outras coisas, a fundação de uma Republica Federal dos Estados Unidos de Portugal, fora rapidamente ultrapassado pelos próprios acontecimentos. O General sabia-o, mas foi, uma vez mais, vítima das circunstâncias, como afirma numa outra carta a Figueiredo:

Perguntar-se-á porque é que isto não vem no livro: 1º, eles encomendaram-me 450 páginas, só saíram 230 sem consulta. (E não me posso zangar, porque em regime capitalista, quem tem dinheiro é patrão!); 2º, a obra foi escrita e entregue em meados de 1961. O artigo sobre Beja foi escrito a correr, bem como o artigo Colónias que tratava da evolução do problema até agora, mas ficou de fora; 3º, quem lê tem que ver se os documentos são apenas história, ou em execução. (*Memórias*, p. 346)

Muitos outros aspectos haveria a salientar no trabalho que Figueiredo assina nesta obra, e que traduz com rigor a preciosa colaboração que durante anos ele deu não só ao General, como à oposição no exílio, sobretudo na difusão de notícias e no estudo e observação da evolução política africana de que era um profundo conhecedor. O seu percurso está de tal forma ligado ao de Delgado que, ao lermos o seu testemunho, temos a surpresa de descobrir, em paralelo ao do "General sem Medo", um outro perfil, cujo pudor só autoriza a própria revelação em diferido, mas que mesmo assim não deixa de se impor discreta, mas seguramente.

3. Hoje, a maior distância crítica e cronológica, as *Memórias* de Humberto Delgado abrem novas pistas de leitura. Ultrapassada a utilidade política imediata que pretendiam ter, visto o seu principal objectivo ser a angariação de fundos para a oposição (tendo-se mesmo chegado a pensar que, com as receitas da edição, se custearia o ataque ao Quartel de Beja), elas perdem a carga de urgência, em benefício do precioso valor documental que assumem para o conhecimento de um homem e de uma época fascinantes.

Talvez que o pecado mortal de Humberto Delgado tenha sido a ligação sempre perigosa que nele se estabelece entre o militar e o político. Na verdade, embora ele não seja de forma alguma caso único, pois desde 1926 que os militares se envolveram em constantes conspirações e golpes militares, o fenómeno-Delgado, pelas suas caracte-

rísticas específicas (pessoais e epocais), transformou-se numa "mistura explosiva", para usar a feliz expressão de Linda Raby (*A Resistência Anti-fascista em Portugal 1941-74*, Lisboa, Edições Salamandra, 1991).

Que mistura explosiva era essa e que ingredientes a constituíam?

Penso que o principal ingrediente, comum ao militar e ao político, foi o desassombro, a coragem física, e a integridade moral. Humberto Delgado, ao assumir com tanta verdade essas suas qualidades, e ao impô-las quer no universo militar, quer no da política, fez com que fosse olhado com igual desconfiança por ambos.

Os políticos não lhe perdoaram a superioridade da acção sobre a reflexão. *On s'engage, après on verra* (p.17), a célebre máxima de Napoleão apelidado por ele próprio de "grande corso" na 1ª edição das suas *Memórias*, foi sem dúvida a sua grande divisa. E embora cite por mais de uma vez uma outra máxima que contribuiu para a fama de grande estadista do nosso Príncipe Perfeito, *há maré para ser coruja e há maré para ser leão* (p. 98 e 204), penso que foi mais uma nota de erudição para impressionar os políticos, do que outra coisa qualquer. Poderíamos multiplicar os exemplos em que Delgado contraria totalmente as opiniões dos seus camaradas e decide por sua cabeça, mas nenhum mais significativo do que o celeberrimo "obviamente demito-o" lançado na conferência de imprensa do início da campanha eleitoral no Café Chave de Ouro, em Lisboa.

São conhecidas as discordâncias dos organizadores da campanha, especialmente do influente grupo do Porto, que recomendavam a Delgado que "se apresentasse como um candidato que, embora reconhecendo a necessidade de alterações no sistema vigente, não o pretendia destruir totalmente, não assumindo uma atitude de frontal oposição" (Raby p.189). Mas ele sempre recusou, confundindo não poucas vezes a necessidade da reflexão e do cálculo político com tibieza e falta de coragem: "alguns dos seus membros [da oposição] sentiam um horror quase efeminado quando eu opunha violência a violência." (*Memórias* p. 168).

Sabendo não ser totalmente aceite pelo mundo da política, não deixava de afirmar: "Pelo menos não me atribuíam aqueles defeitos que os civis imputam aos militares: preguiça e estupidez" (*Memórias* p.168).

E por outro lado fazia um grande esforço por apresentar currículo:

Fiz cinquenta longas viagens, uma das quais à volta do mundo, via Austrália, em que percorri 53 mil quilómetros durante 198 horas de voo. Durante 8 anos participei em inúmeras assembleias internacionais democráticas, e em dúzias de conferências internacionais e negociações para vários tratados. Tudo isto dará alguma ideia da experiência excepcional que adquiri em debate democrático e em tolerância, a qual teve profunda influência no meu pensamento. Parece-me que tinha algo de válido a oferecer à oposição quando me propuseram que fosse o seu candidato em 1958. (*Memórias*, p.70)

Ora é precisamente esse currículo de cidadão do mundo que logo adopta como sua a frase “quem só conhece a cultura nacional, não conhece nem a sua cultura” (*Memórias*, p.209) que o torna suspeito aos olhos da hierarquia militar mais conservadora. A ponto de ele afirmar, logo no início das suas memórias:

Gostaria de desfazer a ideia que parece persistir, sobretudo no estrangeiro, que eu representaria um certo tipo de militar, sem grande interesse pela vida de soldado, e mais motivado pela política. Nada de mais incorrecto. Desde rapaz que tenho tido fama de ser um apaixonado pela vida militar. Aqueles que me conhecem sabem que tenho gosto pelos treinos, pela táctica, pelos desfiles. Conhecem também esses sinais exteriores do verdadeiro militar — a contênciã vigorosa, o chocalhar de esporas (que usei em Artilharia) e a minha constante luta na Força Aérea contra a tendência de abandalhamento da disciplina e aprumo militares (*Memórias*, pp.41-42).

A estas já tão elucidativas palavras, Humberto Delgado, em 58 o mais jovem general da Força Aérea, poderia acrescentar o seu impressionante palmarés de piloto.

Mas ele gostava de enfatizar sobretudo essa imagem de homem viajado, com importantes contactos internacionais, até pelo efeito de contraste que poderia produzir em relação à personalidade fechada e provinciana do seu opositor. O facto de Salazar conduzir com mão de ferro uma política colonial sem nunca ter ido a África, e de mandar recados para a Europa, que ele só conhecia das duas únicas visitas que fez a Espanha para conferenciar com Franco, era motivo de ridículo, para Delgado, como para o restrito número de oficiais (entre os quais o jovem

Costa Gomes) que com ele integraram importantes missões militares no estrangeiro, especialmente na NATO, e tiveram oportunidade de verificar quer o isolamento político de Portugal, quer a sua crescente desactualização em termos militares. Este último aspecto era tanto mais grave quanto Portugal, logo a partir de 52, se viria a confrontar com duas frentes de acção: por um lado a defesa do Ultramar, por outro a necessidade de cumprir com os seus compromissos em relação à Aliança.

4. A característica de independente, que tanto insistia em exhibir “De espírito moderno, tendo vivido muitos anos entre anglo-saxões, sou demasiado evoluído e tolerante para ter medo destes ismos” — *Memórias* p.204), foi a forma que um espírito optimista e excessivamente autoconfiante encontrou para nomear aquilo a que outros chamam isolamento político.

E esse isolamento era a necessária e inevitável consequência da sua personalidade dividida entre dois mundos e duas espécies de seres: os políticos e os militares. Aos militares queria mostrar-se como civil e aos civis como militar. A ambos, mas sobretudo aos militares (o seu *Apelo aos Generais* é um notável documento, justamente considerado como dos melhores produzidos em toda a campanha), queria desesperadamente convencer (depois da experiência das eleições de 58) que nada mudaria em Portugal se não fosse por uma revolta militar. Mas essa obsessão tornou-se dramática e constitui a chave de interpretação da sua personalidade dividida e contraditória, se não mesmo desconcertante.

É esse sem dúvida o traço mais atraente de um percurso tão cheio de companheiros, e tão solitário ao mesmo tempo.

As suas *Memórias* são disso o mais vivo e autêntico testemunho: a corrida de alguém que perante cada obstáculo, ou cada fracasso, longe de parar vencido ou cansado, retoma com redobradas forças o combate numa vertiginosa fuga para a frente, que em política só pode ter um fim: a morte...

Teve, é certo, amigos, aliados, “compagnons de route”. Mas quando foi assassinado ele tinha já sentido profundamente o sabor das palavras de Gustave le Bon, por ele próprio citadas: “A maior inimizade existe entre os que partilham ideias semelhantes e não entre os que professam ideias totalmente opostas” (*Memórias* p.169).

5. O que hoje conheço dos homens políticos portugueses, das suas fraquezas e ambições, de algumas espectaculares mudanças de atitude política de antes para depois do 25 de Abril, leva-nos a considerar ter sido Humberto Delgado, apesar de tudo, um homem afortunado (...)

Humberto Delgado morreu, é ponto assente, com a auréola de um herói da resistência contra o fascismo na história moderna portuguesa... Mas se fosse vivo, considerando tantos exemplos conhecidos que nem vale a pena citá-los, em que zona do leque político português, tendo em conta os seus antecedentes se situaria hoje o General sem Medo? (Otelo Saraiva de Carvalho, *Alvorada em Abril*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p.26)

A pergunta que faz Otelo S. de Carvalho, certamente é uma pergunta que (não) ape-tece fazer...

É que por ela perpassa toda a inquietação e incerteza pelo futuro de um mito que como todos (por isso mesmo são mitos) ultrapassa em muito o respectivo suporte real.

Na verdade o efeito Delgado foi, no pobre panorama político português do fim dos anos 50, um verdadeiro terramoto. O que se retira de todos os testemunhos sobre este acontecimento da vida nacional é que, de facto, depois de Delgado, nada ficou como dantes em Portugal. O regime, embora o não soubéssemos, estava ferido de morte, e 58 foi apenas o início de uma trágica sequência que vem a culminar naquele que Salazar, dada a sua simpatia pela Casa Real Inglesa, e antecipando-se à sua representante Isabel II, não hesitaria em apelar de "Annus Horribilis" para o governo português de então: o ano de 1961.

1959 — Revolta da Sé. Fuga da prisão de Henrique Galvão.

1960 — Fuga da prisão de alguns dirigentes do PCP.

1961 — Desvio do paquete Santa Maria. Início da Guerra Colonial em Angola. Tentativa de golpe militar de Botelho Moniz. Desvio de um avião da TAP. E finalmente a perda da Índia.

1962 — Revolta de Beja.

Nunca, desde a 2ª Guerra Mundial e dos anos do pós-Guerra, o regime tinha estado

em tamanhas dificuldades, nem voltaria a estar até ao colapso final em 73-74. Em quase todos estes acontecimentos, de uma forma ou de outra, Delgado deixou a sua marca. Directamente, como se sabe, na espectacular operação *Dulcineia* (que, segundo o seu próprio relato, consistia numa operação de maior alcance, em ligação com o início da Guerra Colonial) e no rocambolesco episódio de Beja, "mesmo nas barbas da PIDE", que ele tão saborosamente descreve. Indirectamente em todos os outros, que com o seu espírito de aventura e incorrigível voluntarismo acompanhou de longe, certamente ansioso e incomformado.

Evocar as palavras de Otelo S. de Carvalho sobre o General sem Medo pareceu-nos particularmente sugestivo, por várias ordens de razões:

Em primeiro lugar trata-se do estratega do 25 de Abril de 74, aquele que possibilitou finalmente o triunfo da revolta armada contra o regime que Humberto Delgado obsessivamente perseguira mas sempre lhe fugiu das mãos. Depois porque Delgado foi para ele, como para tantos outros militares e civis, protagonistas da Revolução de Abril, uma referência, por vezes uma recordação juvenil ou infantil perdida na memória, mas com fortes ressonâncias no imaginário político de quase todos. E ainda o mesmo Otelo que afirma ter sido o caso Delgado o acontecimento mais marcante na formação da sua consciência política e social.

Na verdade, o ano de 58 agitou profundamente as consciências inquietas da juventude de então, e lançou fundo sementes de revolta e de esperança que, germinando lentamente nos difíceis anos 60, vêm finalmente a frutificar na experiência gratificante de 74. Como afirma João Medina, um dos jovens entusiastas que então participou na campanha para a Presidência, "tínhamos 18 anos — e em Maio de 1958 surgiu-nos um homem cujo nome de todo ignorávamos mas que, num curto espaço de um mês, até Junho desse ano crucial, iria mudar o país, iria mudar-nos. Senti — como os demais jovens da minha geração — que a História passava por ali, naquela data e trazendo o rosto daquele homem" (*Humberto Delgado Vinte Anos Depois. In: História Contemporânea de Portugal — Estado Novo*, Vol. 2, Lisboa, Amigos do Livro, p.96). ■

Maria Manuela Cruzeiro